

As práticas de letramento de agricultores em atividades de trabalho na esfera digital

RESUMO

As práticas de letramento na esfera digital estão consolidadas na sociedade contemporânea, sendo utilizadas no atendimento das mais diversas demandas, inclusive nas atividades de trabalho. Nesse sentido, o presente artigo objetiva abordar práticas de letramento realizadas por agricultores na divulgação e comercialização de seus produtos em ambientes digitais. Em termos metodológicos, trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado e segue a abordagem qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994), interpretativista (Moita Lopes, 1994), de viés etnográfico (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009). A investigação teve como lócus uma cooperativa de agricultura familiar do interior do RN. Os resultados sinalizam para a utilização de práticas de letramento com foco em anúncios, a exemplo de produção de *posts* para divulgação de produtos em redes sociais, o cadastro de reserva de itens para comercialização, além da escrita de respostas a questionamentos e dúvidas de clientes.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de letramento. Esfera digital. Atividades de trabalho. Agricultura familiar.

Alyssandra Viana Fonseca
Universidade Federal do Ceará
(UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil
alyssandraviana01@gmail.com

Ana Maria de Oliveira Paz
Universidade Federal do Rio Grande
do Norte (UFRN), Currais Novos, Rio
Grande do Norte, Brasil
hamopaz@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A globalização tem modificado os diversos segmentos sociais e os modos de vida em diferentes espaços, especialmente quando se trata da relação homem/máquina, a qual influencia diretamente os meios, modos e métodos de produção, além de interferir nas relações interpessoais, tanto de lazer, quanto de trabalho.

Nesse último caso, aparelhos móveis de telefonia, conectados à internet, têm possibilitado o contato com pessoas, em tempo real, das mais diversas partes do mundo que, talvez, nunca as veremos presencialmente (Moita Lopes, 2006). Essas atividades são realizadas, de modo recorrente, no e para o estabelecimento de parcerias comerciais, de cursos e aperfeiçoamento profissional, dentre outros interesses e necessidades.

No que diz respeito às grandes indústrias em espaços não urbanos, especificamente no Agronegócio, esses usos e mudanças são mais evidentes, haja vista a presença de máquinas como tratores, irrigadores e equipamentos como drones que, associados à *softwares* e inteligências artificiais possibilitam uma agricultura de maior precisão, aumentando a produtividade e reduzindo perdas econômicas – de insumos, de energia e de produtos – quando não há um planejamento individualizado no processo de plantio e colheita de determinada cultura.

No caso da agricultura familiar, apesar de esta ser responsável pela produção de uma parcela significativa dos alimentos que chegam à mesa do brasileiro (IBGE, 2017), as condições de produção se diferem substancialmente considerando os recursos financeiros manuseados por esse setor, o maquinário (in)disponível e a conexão à internet limitada, que inviabiliza o uso de muitas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC).

Soma-se a isso, a qualificação desses pequenos produtores que, muitas vezes, não dispõem de letramentos necessários para o manuseio de ferramentas digitais (Silva Junior *et al.*, 2024) e não contam com ações de formação ofertadas por órgãos e instituições de apoio ao homem do campo. Estas formações, quando realizadas, são mais voltadas para o controle de pragas, manejo de solo para plantações, dentre outras questões de igual natureza.

Como consequência, os usos mais recorrentes de recursos digitais, por parte desses agricultores, são sempre mais simples e pouco evidenciados, tanto pela mídia, em reportagens e notícias, quanto em pesquisas acadêmico-científicas, as quais tendem muito mais a focalizar o trabalho desenvolvido nesse setor, circunscrito à área das Ciências Agrárias, com questões mais alinhadas a esse campo de estudo.

Na área das Ciências da Linguagem, no entanto, cujo interesse nem sempre se direciona àqueles que atuam diretamente na área – como professores de línguas e suas práticas, por exemplo –, ainda há poucos estudos que contemplem as práticas de letramento desenvolvidas no e para o trabalho de pequenos produtores rurais em atividades que se efetivam no âmbito digital.

Nesse cenário, no intuito de contribuir com essas discussões sobre as atividades de linguagem dos agricultores no campo das ambiências digitais, desenvolvemos a dissertação de mestrado intitulada “Letramento laboral de agricultores: cooperando saberes em práticas digitais de comercialização”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEL/UFRN), no ano de 2023.

Vale salientar que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da referida universidade, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 59703122.4.0000.5537, tendo como objetivo geral *investigar os impactos gerados pela realização de intervenção composta por oficinas de letramento direcionadas a agricultores cooperados na Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA), em termos de melhoria da qualidade de suas práticas de letramento laboral quanto à divulgação e comercialização de produtos rurais em ambientes digitais (e-commerce).*

Em face do exposto, trazemos, neste artigo, um recorte da referida investigação, na perspectiva de contemplar o propósito de *Identificar as práticas de letramento realizadas por agricultores na divulgação e comercialização de produtos agrícolas em ambientes digitais.*

Essa focalização de práticas de letramento em ambientes pouco ou quase não explorados por pesquisas e, muitas vezes, ocultos, busca trazer para o âmbito das discussões acadêmicas questões sociais que se inserem no escopo dos interesses de investigação da Linguística Aplicada, cujo propósito é lançar luzes sobre tópicos de relevância para a compreensão do que fazem e como agem os sujeitos, nesse caso, no âmbito de suas atividades laborais com foco no uso de ferramentas digitais conectadas à internet.

Espera-se, assim, que as discussões ora propostas possam contribuir para a minimização da necessidade de visibilizar o uso de tecnologias digitais em espaços comumente associados ao atraso e para a superação das condições que fazem com que os avanços tecnológicos cheguem de forma pouco célere e eficaz a determinados espaços sociais, como é o caso da zona rural brasileira, área que ainda concentra um significativo número de habitantes da população brasileira, cujo trabalho tem forte influência no abastecimento alimentício de boa parcela de brasileiros.

Para tecer essas discussões, o artigo se divide em sete (7) seções, incluindo esta introdução, são elas: duas seções de referenciais teóricos, a metodologia, os resultados, as considerações finais e, por fim, as referências.

Em relação aos referenciais teóricos, apresentados nas seções a seguir, ancoramo-nos em trabalhos desenvolvidos no âmbito dos Letramentos concebidos como práticas sociais (Kleiman, 1995; 2008). Na oportunidade, justificamos a escolha dessa teoria, haja vista tratar-se de um campo de estudos que se interessa por depreender as práticas de leitura e escrita implementadas nas mais diversas áreas da atuação humana com vistas a atender diferentes propósitos.

Ademais, estabelecemos também, neste artigo, um diálogo com o campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade. Os estudos nessa seara vêm se desenvolvendo em três grandes direções: no campo da pesquisa, da política pública e da educação (Bazzo; Linsingen; Pereira, 2003). Em nosso caso, o enfoque será o primeiro, na perspectiva de que, com esse estudo, possamos contribuir para ampliar as reflexões sobre como a tecnologia, dependendo de sua abordagem e inserção, pode interferir contribuindo e/ou, ao mesmo tempo, segregando sujeitos moradores de zonas não urbanas.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

O movimento Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) busca, desde as décadas de 1960 e 1970, trazer uma visão crítica sobre a relação da ciência com a

tecnologia, considerando as dimensões sociais, políticas e culturais como fatores determinantes para a compreensão de seus impactos (Campos, 2010), tanto nos modos de vida de sujeitos, quanto em termos de consequências ambientais.

Isso porque, era e, em certa medida, ainda é perpetuada uma perspectiva essencialista, triunfalista e linear de desenvolvimento, a qual vincula a relação da ciência com a tecnologia apenas à riqueza e ao bem-estar social (Bazzo; Linsingen; Pereira, 2003). Em contrapartida ao otimismo proclamado por esse modelo de desenvolvimento, esses autores destacam sucessões de desastres ocasionados por avanços científico-tecnológicos, como acidentes nucleares em reatores civis de transportes militares, envenenamentos farmacêuticos, derramamentos de petróleo etc., os quais desconstróem essa visão de tecnologia apenas como uma forma de progresso positiva.

Em um nível mais próximo da vida do cidadão comum, no tocante ao (des)emprego, por exemplo, podemos destacar que

nas indústrias, a introdução de máquinas redefiniu algumas relações de trabalho. Se, por um lado, elas possibilitaram maior produtividade e diminuição do esforço por parte dos trabalhadores, por outro lado, a mecanização da produção extinguiu vários postos de trabalho (Campos, 2010, p. 25).

Ou seja, como toda e qualquer tecnologia, esta pode contribuir positivamente para o desenvolvimento de determinadas classes sociais e sujeitos específicos, bem como prejudica-los. A lança, por exemplo, no tempo dos caçadores-coletores, podia ser utilizada para pegar um peixe em um rio e alimentar a família, bem como poderia ser utilizada para guerrear com outras tribos por disputa de território.

Assim, o que se propõe, nesse novo enfoque da CTS, é compreender a ciência-tecnologia não como um processo ou atividade autônoma/neutra, mas sim como um processo ou produto inerentemente social, no qual valores morais, interesses profissionais e políticos, assim como pressões econômicas (Bazzo; Linsingen; Pereira, 2003) são fundamentais para a determinação de como e de quem terá acesso a esses bens e novas formas de conhecimento que configuram-se, conseqüentemente, como instrumentos de poder e dominação.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO (DIGITAL)

Os letramentos, como destacados anteriormente, compreendem as mais diversas práticas de leitura e escrita desenvolvidas em sociedade. A esse respeito, Kleiman (2005) destaca que esses usos da leitura e da escrita permeiam as interações cotidianas e podem ser identificadas:

- no ponto de ônibus, anunciando produtos, serviços e campanhas;
- no comércio, anunciando ofertas para atrair clientes, tanto nas pequenas vendas, como nos grandes supermercados;
- no serviço público, informando ou orientando a comunidade; [...] E poderíamos ir multiplicando os locais em que ela aparece: na igreja, no parquinho, no escritório [...] (Kleiman, 2005, p. 5-6).

Em meio às referidas práticas, destacam-se também aquelas desenvolvidas por pecuaristas, em espaços rurais, a partir do emprego de gêneros como: a nota

de compra, o recibo de controle de produção e rótulos de produtos agropecuários (Fonseca; Paz, 2023), dentre outros, os quais, segundo as autoras, são indispensáveis em suas ambiências de trabalho em termos do cumprimento de demandas e tarefas próprias desta área de atuação.

Apoiadas no que propõem Kleiman (2005), as práticas de letramento envolvem gêneros com finalidades específicas, que se conectam a situações reais de uso. Em face disso, geram impactos que vão muito além da atribuição e recebimento de notas, em tarefas avaliativas, como acontece no contexto do trabalho do professor. Isso faz com que os usos da leitura e escrita em práticas sociais sejam extremamente heterogêneos e variem de acordo com o contexto, as intenções, os objetivos, inclusive conforme os papéis dos participantes envolvidos na situação comunicativa (Oliveira, 2010).

A implementação de práticas de leitura e de escrita se ampliou exponencialmente com a utilização expressiva de dispositivos digitais conectados à internet, tendo em vista que muitos dos gêneros surgiram ou tiveram seus usos assimilados pelo domínio digital, como é o caso do *e-mail* que traz características do gênero carta e das videoconferências *online*, que podem vir a substituir parcial ou integralmente as reuniões presenciais (Marcuschi, 2005).

Nesse sentido, como podemos observar, os letramentos que ocorrem na esfera digital se estabelecem como práticas de significativa relevância, necessárias às tarefas sociais contemporâneas, haja vista que muitos dos fazeres do cotidiano de várias atividades humanas passaram a ser implementados por meio dos usos de ferramentas digitais conectadas à internet.

No caso dos agricultores, “é de vital importância que a tecnologia entre na rotina dos pequenos produtores para que seja possível o seu avanço perante as novas necessidades do mercado” (Silva; Santos, 2024, p. 143). Isso porque, de acordo com Milton Santos (2006), a ideia de ciência, de tecnologia e a de mercado global devem ser encaradas conjuntamente.

Esses usos e novos artefatos tecnológicos podem proporcionar diversos benefícios à produção agrícola, à obtenção de mais eficiência na gestão da propriedade, à diminuição de custos e às melhorias no que diz respeito a tomadas de decisão e ao uso de recursos (Silva; Santos, 2024).

Além disso,

os usos e a apropriação da internet modificam o cotidiano dos moradores das comunidades rurais a partir do momento que a internet proporciona uma ampliação no que diz respeito ao acesso à comunicação e à obtenção de informações, permitindo um aumento do acesso das populações a diversos conteúdos, tais como informação sobre novos produtos, novas culturas e técnicas (Silva; Santos, 2024, p. 158).

Para tanto, é necessário que esses sujeitos tenham letramentos básicos de informática, uso de internet etc. que possibilitem a realização de práticas em ambiências digitais, com vistas a atender demandas oriundas do referido campo de atividades de trabalho.

Esses espaços se caracterizam pela multiplicidade de linguagens presentes, por meio de sons, cores, imagens, dentre outras em textos sob diversos formatos (Rojo; Moura, 2012, 2019). Sendo assim, para a efetivação das tarefas laborais no domínio digital, faz-se necessário o conhecimento tanto de *hardwares*, quanto de *softwares*, em sinergia. No caso do *hardware*, envolverá o conhecimento instrumental de acesso às máquinas digitais – computadores, *smartphones* –, a

começar pela ação de pô-las em funcionamento por meio de teclas de “ligar/desligar”. Em relação ao *software*, exige-se do usuário conhecimentos e habilidades voltadas ao acesso de recursos digitais de modo *online* e *off-line*, como é o caso das ferramentas de elaboração de arquivos, planilhas, dentre outras.

No caso da disponibilização de uma atividade online por um professor aos discentes, por exemplo, o referido profissional precisará, primeiramente, realizar a digitação da atividade em um arquivo e salvá-la no computador ou em uma nuvem, na internet. Essa tarefa demanda o movimento físico de deslizar o dedo sobre o *mouse* até o local indicado, muitas vezes, por meio de ícones que representam essas funções, para, na sequência, clicar nessa opção disponível no monitor, inserir o nome do arquivo e concluir a ação. De modo semelhante, podemos comparar qualquer pessoa que deseje manusear aplicativos bancários em um aparelho móvel, uma vez que esse manuseio requer a inserção de dados, senhas e cliques diversos em opções disponíveis na tela a fim de que o usuário possa atingir seus propósitos.

Corroborando o exposto, Ribeiro (2009, p. 33), destaca que, para execução de tarefas que envolvem o uso de tecnologias digitais, “as pessoas precisam aprender várias ações, que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto mais sofisticados que são publicados em ambientes on-line e expostos pelo monitor”.

Assim, no caso dos produtores rurais,

O simples fato de estar conectado à rede não implica mudanças substanciais nas condições dos indivíduos, empresas, comunidades ou países. [...] A adoção da internet somente será efetiva quando o produtor tiver incorporado seu uso na rotina cotidiana, ou seja, quando a empregar com naturalidade na busca por soluções ou alternativas aos problemas do seu dia a dia (Viero; Silveira, 2011, p. 274).

A tecnologia, desse modo, só modificará e otimizará o espaço rural se os sujeitos a empregarem conscientemente, entendendo as novas demandas emergentes na globalização e vendo-a como um auxílio e não empecilho. É essencial, portanto, “que o produtor tenha consciência dos recursos de que dispõe e saiba conciliar o uso da internet com outras tecnologias mais tradicionais, tendo em mente com que recursos, em que momento, a cargo de quem, para quem e para que pode ou deve fazer uso de determinada tecnologia” (Viero; Silveira, 2011, p. 274).

Para tanto, no e para o entendimento da dinâmica laboral dessa classe, em contextos específicos, na esfera digital, faz-se necessário “pesquisar de que maneira os sujeitos lidam com as práticas da leitura e da escrita para efetivar as tarefas que lhes competem ao exercer uma atividade laboral” (Paz, 2008, p. 42). Ou seja, que práticas de letramento (em ambiências digitais) desenvolvem, além das suas motivações e a sua relevância para a realização tanto do seu trabalho em particular, quanto do setor laboral (coletivo) em que atuam.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se insere no domínio da Linguística Aplicada (LA) (Moita Lopes, 2006) e, pelo caráter interdisciplinar dessa área, realiza um intercâmbio com diferentes outras, como os Estudos de Letramento no âmbito digital

(Coscarelli; Ribeiro, 2005; Ribeiro, 2009, 2021; Dudeney; Hockly; Pregum, 2016; Rojo; Moura, 2019), as Ciências Agrárias (Verdejo, 2010; Rodrigues, 2018) e a Geografia Humana (Santos, 2012, 2013), o que contribui para uma melhor compreensão das experiências e do processo das práticas de letramento do campo digital vivenciado pelos participantes.

Colaboram com a pesquisa 16 agricultores(as) familiares vinculados à Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências (COMFA). Essa instituição foi fundada em 2018 e tem sua sede localizada no município de Acari, interior do estado do Rio Grande do Norte/RN. Seu principal propósito consiste em produzir, processar, beneficiar e comercializar os produtos de seus cooperados (COMFA, 2018). Em termos de faixa etária, os participantes possuem idades que variam entre 26 e 66 anos – em sua maioria acima dos 40 –, sendo 52,38% do sexo feminino e 47,61% do sexo masculino.

Para desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados como instrumentais de geração de dados: questionários e gravações de entrevistas semiestruturadas (Moreira; Caleffe, 2006; Verdejo, 2010), além da coleta de *prints* de mensagens instantâneas da cooperativa e dos(as) cooperados(as), via *WhatsApp*, relacionadas à comercialização. Na análise desses dados, adotamos uma abordagem qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994), interpretativista (Moita Lopes, 1994), com inspirações etnográficas (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009).

Vale destacar, ainda, que, para assegurar a proteção das fontes utilizamos as siglas AC01 (Agricultor(a) Cooperado(a)), AC02 e assim sucessivamente para denominar os participantes da pesquisa. Por sua vez, a transcrição dos dados gerados foi implementada como base nas orientações do Projeto NURC/SP (Preti, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de nos atermos ao objetivo deste trabalho, o qual consiste em abordar as práticas de letramento realizadas por agricultores na divulgação e comercialização de seus produtos em ambientes digitais e, conseqüentemente, situarmos melhor o leitor quanto ao contexto de atuação dos participantes da pesquisa, procuraremos discorrer um pouco acerca de seu cotidiano no tocante às vendas dos artigos que comercializam.

No processo de vendas de produtos rurais, os agricultores participantes da pesquisa as fazem de dois modos: presencial e virtualmente. Presencialmente, as vendas são feitas às sextas-feiras, na feirinha da agricultura familiar, localizada próximo à Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente e Abastecimento do município de Acari-RN, como também aos sábados na sede da cooperativa, localizada no mesmo espaço do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do referido município.

Em virtude do propósito ora assumido, concentraremos nosso foco na abordagem das vendas implementadas no formato virtual. Nesse sentido, no processo de comercialização na esfera digital, as práticas acontecem por meio de redes sociais, como o *Instagram*, e aplicativos, além do *WhatsApp*, por exemplo.

Esses usos se configuram como mais recentes, e compreendem uma ampliação das formas de trabalho e comercialização diretamente influenciadas pela globalização e pelo meio técnico-científico-informacional, ou seja, pelo meio geográfico atual que inclui, obrigatoriamente, no território, a tecnologia (Santos, 2013). Vale salientar que esses usos também foram impulsionados pelo contexto

pandêmico, no qual o isolamento social, orientado pelos órgãos de saúde exigiu a adoção de diferentes formas de interação online para a efetivação de atividades não somente de trabalho, mas também de práticas educacionais, além de outras tarefas de âmbito pessoal

Especificamente no que diz respeito à comercialização, a efetivação das vendas também se estabeleceu por meio do uso das digitalidades, mediante práticas de letramento implementadas de maneira processual. Ou seja, o agricultor primeiramente elabora um *post* (anúncios e cartazes), depois disso, o passo subsequente consiste em divulgá-lo por meio de suas redes sociais (mediante as funções do *feed* e do *story* do *Instagram*) e aplicativos de conversação (na opção *status*, no *WhatsApp*) para, em seguida, interagir por intermédio destas com seus possíveis clientes no intuito de consolidar as vendas.

Cabe destacar, nesse sentido, o processo de realização de cada uma dessas etapas. Na primeira, que compreende a elaboração de anúncios e cartazes e respectivas publicações em rede, os agricultores costumavam utilizar ferramentas digitais específicas para esse fim, como exemplo disso, podemos citar o uso do Canva. No que se refere à feitura dessas postagens, AC02 e AC05, a esse respeito, declaram:

A gente tira uma foto, a gente faz vídeos... a gente faz / as vezes a gente faz só o texto:... [...] eu pego a publicação que já tá montada que a gente mesmo montou.. aí:: o que tiver naquele mo / na na sexta-feira que é que a gente vai vender é o que a gente coloca / se tiver por exemplo lá na:: na publicação a primeira que eu fiz com todos os produtos tiver MANTEIGA e no / na sexta não tiver, eu retiro a manteiga... a gente só publica:: o que tem (AC02).

Eu tiro a foto, eu tiro a foto das coitadas dessas manguinhas... tiro a foto de uma manga, tiro de tudinho [...] eu vou no rio tirar a foto da da da / tenho que escolher a manga, né? eu tiro a foto da man::ga, aí às vezes eu faço um vídeo dos pés de manga... a fruta, né? aí eu publico ((no Facebook e no Instagram)) (AC05).

A elaboração desses materiais para publicação demanda desses trabalhadores letramentos digitais, visto que necessitam saber manusear equipamentos tecnológicos, fazer uso de aplicativos de redes sociais e outros recursos digitais, inclusive em termos de utilização de elementos multissemióticos (Rojo; Moura, 2012; 2019), os quais contemplam o emprego de vídeos, que incluem sons e movimentos, emprego de imagens, a exemplo dos *gifs*, além de músicas compatíveis com o meio rural onde os itens comercializados são produzidos.

A inserção desses elementos nos anúncios e cartazes é de suma importância na medida em eles contribuem para conquistar a atenção do cliente/consumidor que, ao visualizar os *posts* de produtos, pode se sentir instigado pela sua obtenção mediante a realização de compras.

Essas situações se coadunam, ainda, com o dizer de Ribeiro (2009) ao frisar os conhecimentos e habilidades necessárias em termos de *hardwares* e *softwares* para efetivação de ações no espaço digital. Nesse caso, o(a) agricultor(a) precisa ter domínio tanto das ferramentas periféricas do celular (teclas de bloqueio/desbloqueio), quanto de suas funcionalidades (acesso à câmera do dispositivo, aplicativos de elaboração de *posts*, de redes sociais etc.).

Esses *posts*, após finalizados, são publicados tanto em *status* de *WhatsApp*, quanto no *story* e no *feed* do *Instagram*. Após esse tipo de publicação, geralmente, inicia-se o processo de vendas, sobretudo, por encomenda, como destaca a AC02:

Quando a gente publica geralmente principalmente nos status né? status tem / todos os contatos que você tem vai visualizar né?... aí tem pessoas que diz “ai ((a AC cita seu próprio nome)) separe minha / uma manteiga, separa uma alfajor, separa um:: coentro para mim” e tem pessoas que a gente faz a divulgação, vê a divulgação, aí vai até a feira fazer a compra (AC02).

Esse tipo de comercialização tem como característica a distribuição direta (canal direto), sem intermediários. Isso faz com que se mantenha a proximidade do vendedor com o cliente final, o que proporciona um maior conhecimento das necessidades desses consumidores, de forma a melhor atendê-los (Rodrigues, 2018). Ou seja, o uso da internet por parte dos agricultores tem a potencialidade de encurtar a ligação entre a propriedade agrícola familiar e consumidores, através da utilização dessas novas formas de comunicação (Silva; Santos, 2024).

Além disso, os agricultores participantes também mantêm o contato com gerentes de estabelecimentos comerciais objetivando oferecer os produtos disponíveis. Essa distribuição indireta de mercadoria acontece quando “o produtor vende seus produtos a um varejista e este, por sua vez, para o consumidor final” (Rodrigues, 2018, p. 60). Sobre essa questão, Silva e Santos (2024, p. 158) destacam que “os agricultores familiares podem e devem utilizar esses mecanismos de comunicação a fim de ampliar seus horizontes e, assim, fortalecer e buscar novos mercados, bem como novos conhecimentos”.

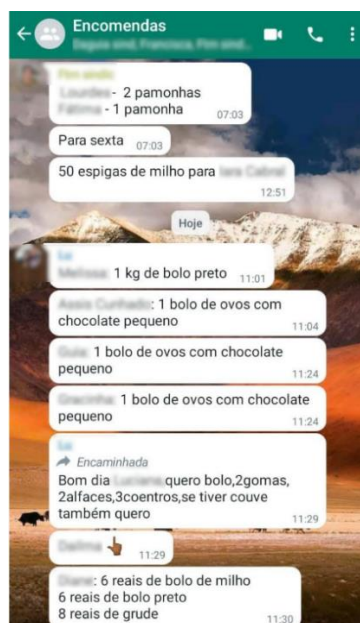
Para afirmar o exposto, apresentamos o dizer da AC01.

[...] a gente pergunta toda terça-feira ((ao gerente do supermercado, pelo WhatsApp)) aí ele já diz:: “quero tantos, quero tantos:: ((produtos))”, [...] aí tem uns que é na quarta, outros na quinta (AC01).

Essas práticas, à luz da CTS, configuram-se como uma apropriação crítica da tecnologia, uma vez que para além do simples uso instrumental da ferramenta, demonstram também a compreensão de seus usuários quanto às formas as quais o seu trabalho pode ser e é alterado/impactado, a partir desses instrumentos digitais.

O *WhatsApp*, nesse processo, se apresenta como um aplicativo articulador de contato e vendas, isso porque possibilita a interação tanto dos agricultores com seus clientes, quanto o contato com os demais cooperados. Nesse último caso, é por meio dele, em um grupo que todos os cooperados integram que se estabelece a organização interna da cooperativa em termos de controle de vendas, de realização de encomendas e de entrega de produtos, como podemos observar na figura abaixo.

Figura 1 – Sistematização das encomendas de produtos rurais via *WhatsApp*



Fonte: Acervo das autoras (2023).

Esse recurso digital possibilita a realização de inúmeras práticas de letramento, a saber: a produção de textos, como em mensagens digitadas ou dispostas em áudio, além do compartilhamento de imagens a serem publicizadas nas redes pessoais e públicas dos cooperados e da cooperativa, respectivamente.

Esse grupo assume as funções de um site, ferramenta utilizada por muitas empresas, inclusive do agronegócio. Isso acontece porque, considerando o público consumidor e o perfil dos agricultores vinculados à cooperativa, a comercialização no *WhatsApp* se torna mais rápida e mais fácil, em comparação a necessidade de cadastro de mercadorias, em pequena escala, na e para manutenção de uma página na *web*.

Observamos, desse modo, as formas adotadas por esses agricultores para contornar às dificuldades quanto ao uso de tecnologias digitais, adaptando-as conforme as suas necessidades. Daí inferimos o porquê de o letramento apresentar caráter situado.

Além disso, é possível destacar que, nesse espaço rural, na condição de reflexo e representação de tantos outros, há a presença constante de práticas de leitura e a escrita, as quais se fazem indispensáveis à efetivação das atividades de agricultores familiares, na busca pela conquista de espaços antes não acessados considerando as barreiras físicas/geográficas que inviabilizavam a exposição da qualidade e relevância dos seus produtos.

Esses usos ampliam, ainda mais, as possibilidades de oferta de produtos, alcançando, inclusive, um número de potenciais clientes mais amplos e possíveis que em espaços físicos/presenciais. Por isso, se fazem relevantes e têm se tornado cada vez mais um canal ativo por essa classe de trabalhadores.

A tecnologia, nesse caso, impacta diretamente (e positivamente) a sociedade, representada pelas figuras do agricultor e do consumidor, que por meio das redes sociais, publicam, conversam, estabelecem relações a partir de comunicações online – um compra e outro vende –, e satisfazem seus desejos (alimentícios) e objetivos (comerciais).

Esse instrumento de poder, portanto, insere esse agricultor em práticas sociais digitais e o põe na vitrine de possibilidades permitidas pelo comércio online,

não ficando somente restrito ao limite e barreiras impostas pela localização geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as práticas de letramento realizadas por agricultores em ambientes digitais, pudemos observar como se dá as atividades de trabalho desses sujeitos nesse espaço, além de evidenciarmos como esses usos são importantes para inserção efetiva destes no comércio em contexto de globalização, na qual o acesso à internet medeia as mais diversas práticas e interações sociais.

Dentre essas práticas, identificamos a publicação e compartilhamento de *posts* de anúncios e cartazes, a realização de conversações em aplicativos e redes sociais e tantas outras que se fazem necessárias para efetivar vendas e reservas de produtos agrícolas. Esses espaços digitais, nessa perspectiva, se consolidam como ambientes efetivos de comercialização, para além das barraquinhas físicas localizadas em pontos estratégicos do município, no qual a cooperativa tem sede.

Diante do exposto, o estudo destaca os conhecimentos e habilidades voltadas ao uso de tecnologias digitais por parte dessa classe de trabalhadores que tem, socialmente, em muitos casos, uma visão limitada acerca de suas atividades laborais, vinculadas à lida braçal. Sendo assim, é possível reconhecer a importância do uso social da leitura e escrita no ambiente rural, sobretudo na esfera digital, cuja abrangência se expande expressivamente atingindo inclusive a esfera de atividade dos agricultores.

Farmers' literacy practices in work activities in the digital sphere

ABSTRACT

The literacy practices in the digital sphere are consolidated in contemporary society, being used to meet the most diverse of demands, including work activities. In this sense, the present study aims to approach the literacy practices farmers employ in their products' marketing and sales in digital environments. In methodological terms, this is an excerpt from a Master's research that follows the qualitative (Bogdan; Biklen, 1994) and the interpretive approaches (Moita Lopes, 1994) of ethnographic bias (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009). This research had as its locus a family farming cooperative in the countryside of Rio Grande do Norte. The results point to the use of literacy practices focused on advertisements, such as the production of posts to promote products on social networks, the registration of items reserved for sale, in addition to responding to customers' questions and doubts.

KEYWORDS: Literacy practices; Digital Sphere; Work Activities; Family Farming.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAZZO, W. A.; LINSINGEN, I.; PEREIRA, L. T. V. **Introdução aos estudos CTS (ciência, tecnologia e sociedade)**. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos, 2003.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CAMPOS, F. R. G. **Ciência, tecnologia e sociedade**. Florianópolis: Publicação do IF-SC, 2010.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COMFA. **Estatuto Social da Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências**. Acari, RN: Ata da assembleia geral de constituição da Cooperativa Mista da Agricultura Familiar de Acari e Adjacências, 2018.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PREGUM, M. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FONSECA, A. V.; PAZ, A. M. O. O uso de gêneros textuais nas atividades laborais de pecuaristas. **Entrepalavras**, v. 13, n. 2, p. 47-63, 2023. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2668>. Acesso em: 01 set. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. MEC: Cefiel, IEL, Unicamp, 2005. (Linguagem e Letramento em foco).
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MOITA LOPES, L. P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 2, 1994. p. 329-338.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, M. S. Gêneros textuais e letramento. Belo Horizonte: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, 2010. p. 325-345. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/dGM6Yx4xjbmpnmzw3JK9XNs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2025.

PAZ, A. M. O. **Registros de ordens e ocorrências**: uma prática de letramento no trabalho da enfermagem hospitalar. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16302>. Acesso em: 04 jul. 2023.

PRETI, D. (Org.). **Variações na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2011.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da Abralin**, v. 8, n. 1, 2009. p. 15-38. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002>. Acesso em: 27 jul. 2021.

RIBEIRO, A. E. **Multimodalidades, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

RODRIGUES, A. F. B. B. **Gestão**: Marketing no Agronegócio. Curitiba: Senar-Ar, 2018.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R.; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, B. H. O.; SANTOS, B. S. Agricultura digital: desafio da conectividade no campo para o desenvolvimento da agricultura familiar digital. **Revista Mirante**, v. 17, n. 2, p. 140-163, 2024. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/mirante/article/view/16190>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SILVA JUNIOR, A. H. Agricultura digital e a sustentabilidade no campo: status atual e tendências. **International Journal of Agrarian Sciences - PDVAGRO**, v. 4, n. 1, 2024. Disponível em: <https://ijas-pdvagro.institutoidv.org/index.php/ijas/article/view/109>. Acesso em: 28 ago. 2025.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**: um guia prático. Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. Brasília: MDA, Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

VIERO, V. C.; SILVEIRA, A. C. M. Apropriação de tecnologias de informação e comunicação no meio rural brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 257-277, 2011. Disponível em: <https://apct.sede.embrapa.br/index.php/cct/article/view/12042/6607>. Acesso em 27 ago. 2025.

Recebido: 14/05/2024
Aprovado: 11/11/2025
DOI: 10.3895/rts.v21n67.18566

Como citar:

FONSECA, Alyssandra Viana; PAZ, Ana Maria de Oliveira. As práticas de letramento de agricultores em atividades de trabalho na esfera digital. **Rev. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 21, n. 67, p.223-238, out./dez, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/18566>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

